

 <https://doi.org/10.20336/rbs.1042>



# Lazer como marcador de classe

Leisure as a class marker

El ocio como marcador de clase

Celi Scalon\* 

Matheus Alves\*\* 

Manuela Peclat\*\*\* 

## RESUMO

Este artigo analisa a percepção do lazer como marcador de classe, mais especificamente, como fator relevante na definição do pertencimento à classe média urbana brasileira. Através de pesquisa realizada com grupos focais em três capitais: Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, propõe-se examinar a percepção do lazer como marca de distinção de classe, considerando que as interpretações dos participantes sobre suas posições sociais estão associadas ao exercício de atividades de lazer, particularmente viagens. Dessa forma, o lazer surge como uma das características mais distintivas da identidade de classe média, sendo, ao mesmo tempo, indicativo de sua heterogeneidade e das transformações que ocorreram ao longo do tempo neste estrato social. A definição de classe média adotada neste trabalho está vinculada ao perfil dos participantes dos grupos focais: indivíduos com educação superior, renda nos estratos superiores da distribuição e, em geral, moradores dos bairros mais afluentes.

**Palavras-chave:** estratificação, lazer, classe, percepção, desigualdades.

\* Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.  
Socióloga, professora titular na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).  
celiscalon@gmail.com

\*\* Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.  
Mestrando em Sociologia no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UERJ.  
matheus.uerj.ppcis@gmail.com

\*\*\* Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.  
Estudante de graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).  
manuelapeclat.mrpa@gmail.com

**ABSTRACT**

This article analyzes the perception of leisure as a class indicator, more specifically, as a relevant factor in defining belonging to the urban middle class in Brazil. The research resorted to focus groups dynamics carried out in three cities: Rio de Janeiro, São Paulo and Recife, aiming to examine the perception of leisure as an element of class distinction, considering that participants' interpretations of their social positions are associated with engaging in leisure activities, particularly traveling. Thus, leisure emerges as one of the most distinctive characteristics of middle-class identity, while also being indicative of its heterogeneity and transformations that have occurred over time within this social stratum. The definition of middle class adopted in this study is linked to the profile of the focus group participants: individuals with higher education, income in the upper strata of the distribution and, in general, residents of the most affluent neighborhoods.

**Keywords:** stratification, leisure, class, perception, inequalities.

**RESUMEN**

Este artículo analiza la percepción del ocio como indicador de clase, más específicamente, como factor relevante para definir la pertenencia a la clase media urbana en Brasil. La investigación recurrió a dinámicas de grupos focales realizadas en tres ciudades: Río de Janeiro, São Paulo y Recife, con el objetivo de examinar la percepción del ocio como elemento de distinción de clase, considerando que las interpretaciones de los participantes sobre sus posiciones sociales están asociadas a la participación en actividades de ocio, en particular los viajes. Así, el ocio surge como una de las características más distintivas de la identidad de clase media, al tiempo que es indicativa de su heterogeneidad y de las transformaciones que se han producido a lo largo del tiempo dentro de este estrato social. La definición de clase media adoptada en este estudio está vinculada al perfil de los participantes de los grupos focales: personas con educación superior, ingresos en los estratos superiores de la distribución y, en general, residentes en los barrios más ricos.

**Palabras clave:** estratificación, ocio, clase, percepción, desigualdades.

## Introdução

O tema da Classe Média retorna à primeira página dos jornais (O Globo, 05/01/2025); trazendo de volta à cena antigos debatedores. No entanto, o interesse por esse estrato remonta à Inglaterra do século XIX, quando sua ascensão coincidiu com a proeminência política, econômica e cultural daquele país. Assim se originou a narrativa de uma classe média universal, modernizante e símbolo de progresso. A partir daí, surgirá também a noção de que as perspectivas de uma nação poderiam ser inferidas por meio do tamanho de sua classe média. Desse modo, a classe se tornou absolutamente indissociável dos ideais da Modernidade, como igualdade de oportunidades, sucesso através do esforço e do trabalho, planejamento para o futuro etc.

Na Sociologia, o tema da classe média surge com vigor nas décadas de 1950 e 1960, com a aceleração do processo de industrialização e urbanização, que carregou consigo resultados virtuosos, como expansão educacional; crescimento econômico; aumento do emprego, em especial no mercado formal; elevação dos rendimentos de um contingente significativo da população e, conseqüentemente, do acesso a bens de consumo e ao lazer. É neste período que se consolida a ideia de que todos, em algum momento, poderiam se beneficiar do desenvolvimento e assegurar seu ingresso na classe média.

No entanto, apesar da longa tradição dos estudos sobre o tema, definir e analisar a classe média permanece um desafio para a Sociologia e, se considerarmos estudos já clássicos na área, é possível encontrar uma plêiade de termos que buscam designar esses estratos médios: “Service Class” (Goldthorpe, 2000), “New Class” (Gouldner, 1979), “White Collar” (Mills, 1951), “Managerial Class” (Ehrenreich & Ehrenreich, 1977), “contradictory locations within class relation” (Wright, 1976), entre outros. Mas o processo de transformação das relações de trabalho, iniciado na década de 1990, tornou a definição das classes mais complexa.<sup>1</sup> Apesar disso, ocupação, renda, educação, consumo e padrões de vida continuam sendo elementos centrais para designar situação de classe, no sentido weberiano.

Nesse sentido, parece não haver momento mais oportuno do que o presente para discutir a classe média no Brasil e recuperar o debate em torno deste tema, especialmente porque várias análises definem as classes exclusivamente, ou de modo prioritário, através de renda ou acesso ao consumo (Torres, 2004; Neri,

<sup>1</sup> Ver Salata e Scalon, 2020.

2008; Souza e Lamounier, 2010; Oliveira, 2010). E, se há consenso na literatura sociológica, é de que a definição de classe não pode estar restrita à renda; até mesmo no campo dos estudos econômicos essa limitação é apontada, como faz Amartya Sen (2001, 2011) ao expor a incompletude das análises baseadas exclusivamente na renda. Ademais, diante do quadro político e social atual, a dimensão econômica parece ter se tornado insuficiente para a compreensão das mudanças em curso.

Por essa razão, estudos sobre a classe média tendem a articular distribuição de renda, oportunidades educacionais e estrutura ocupacional (Cardoso & Preteceille, 2017; Scalón & Salata, 2012; Salata, 2016; Salata & Scalón, 2020). Existem, no entanto, outros elementos importantes na definição da classe média. A literatura sociológica já acumula um número significativo de trabalhos a respeito dos aspectos subjetivos da estratificação social, em especial no que se refere à consciência (ou identidade) de classes e, conforme indicado por parte dessa literatura (Skeggs, 1997; Savage *et al.*, 2001; Reay, 2005; Sayer, 2005), uma importante característica das identidades de classe seria seu conteúdo moralmente carregado. Dessa forma, a ideia de pertencimento a diferentes classes estaria relacionada à percepção de uma distribuição desigual de reconhecimento social. Identidades de classe, portanto, além de diferenciar os indivíduos, também imprimiriam hierarquia a essa diferenciação; por essa razão não seriam classificações neutras, mas sim hierarquias de valor.

Nos últimos anos, mais especificamente no período compreendido entre 2001 e 2008, o Brasil experimentou, assim como outras economias emergentes, uma experiência positiva de inclusão de uma parcela significativa da população nas camadas médias. A elevação da renda, a superação da pobreza extrema, a criação de empregos formais e a ampliação educacional estabeleceram patamares mais elevados de padrões de vida. De fato, milhões de brasileiros foram inseridos no mercado de trabalho e, mais rapidamente ainda, foram incorporados ao mercado de consumo e ao crédito. Com isso, tiveram mobilidade ascendente em relação aos seus pais e essa ascensão foi conquistada com investimentos em educação e muito trabalho, um enorme esforço em busca de recompensa. No entanto, nos últimos anos, esse mesmo grupo viu suas expectativas e seus ganhos sociais esvanecerem. Ainda assim, o resultado de nossa pesquisa com grupos focais demonstra que há, na percepção dos participantes, uma solidificação do que significa pertencer à classe média.

O artigo analisa a percepção do lazer como um instrumento de compreensão da classe média brasileira, tendo como base empírica a pesquisa com grupos focais realizados no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Recife, no período de janeiro a abril de 2023. O roteiro dos grupos focais foi composto por três blocos centrais de questões: identidade de classe, trajetórias e mobilidade social, expectativas e visões para o futuro. Os grupos focais foram organizados com no máximo dez participantes, mantendo uma distribuição equilibrada entre homens e mulheres. O perfil recrutado foi de pessoas com idade entre 40 e 64 anos; ensino superior completo, em ocupações nos estratos profissionais, administradores e pequenos proprietários; renda individual igual ou superior a R\$8.000,00.

Entre as informações reveladas nas dinâmicas com os grupos, chamou atenção a forma como as práticas de lazer, sobretudo as viagens, representavam elemento constitutivo deste pertencimento à classe média. Além disso, o lazer parece ter alcançado protagonismo como fator de distinção social, diante da ampliação para todos os estratos do acesso a alguns bens de consumo antes restritos à classe média. Entretanto, com a crise econômica no Brasil desde 2014 e, conseqüentemente, a restrição orçamentária que levou a classe média a priorizar a manutenção da contratação privada de educação e da saúde; os entrevistados indicaram ter havido uma readequação de suas práticas de lazer.

O trabalho qualitativo teve como base a realização de nove dinâmicas com grupos focais, sendo três em cada uma das cidades selecionadas. A escolha das três capitais foi feita em razão de São Paulo e Rio de Janeiro serem as maiores capitais do país e do interesse em analisar uma cidade do Nordeste, região com perfil econômico diferente do Sudeste e do Sul e que tem recebido atenção específica de políticas governamentais. A opção por Recife se justifica por ser a capital nordestina com maior IDH, segundo censo demográfico de 2010 e a primeira em gestão pública na região, tendo forte presença de diferentes níveis das estruturas administrativas dos órgãos estatais.

A escolha das localidades mencionadas demonstra o recorte de uma classe média urbana em três das mais importantes metrópoles do país, o que, conseqüentemente, justificaria melhores oportunidades de acesso a bens, serviços e equipamentos de lazer e cultura pelos indivíduos que residem nessas capitais (Aguiar, 2007). Sendo assim, esclarecemos que este estudo não pretende propor uma generalização sobre a classe média brasileira,

muitas vezes tratada como grupo homogêneo, visto que a análise está circunscrita a capitais e a perfis socioeconômicos específicos.

Nesse sentido, para entender a relação entre classe média e lazer, é necessário retomar a importância desse grupo, como demonstrado na literatura da estratificação social. Considerando o aspecto histórico brasileiro, com a emergência desse segmento social durante um período de processos intensos de modernização, através de industrialização e urbanização, entende-se que a classe média passou a se caracterizar como uma régua de desenvolvimento do país (Salata, 2016).

Além dos indicadores mensuráveis, como educação e renda, é relevante destacar a presença de elementos simbólicos que compõem um conjunto de especificidades das classes médias-médias. Assim, é fundamental que se considere que o campo das classes médias-médias se constitui como um domínio de significados em constante desenvolvimento, no qual os indivíduos buscam se aproximar ou se distanciar uns dos outros através de meios tangíveis e valores subjetivos (Salata, 2016).

Dentre os fatores considerados pelos participantes dos grupos focais como distintivos da classe média, destaca-se o lazer, que é utilizado como critério de identificação e diferenciação. Desse modo, é possível perceber que, assim como nos Estados Unidos, na década de 50, o lazer também foi assimilado no Brasil como uma dimensão significativa da realidade. No caso norte-americano, uma vez que o lazer de massa, juntamente ao consumo, foi se consolidando no lugar do que antes era exaltado somente através da ótica do trabalho. Desde então, nota-se um movimento de separação entre uma dimensão cotidiana e uma dimensão eventual da vida. Dessa forma, o lazer de massa passou a se caracterizar como “o aspecto mais ostensivo da vida social americana” (Bomeny, 2011), em que se encontravam os principais valores da existência e a justificativa para o trabalho árduo. Fato este que é reforçado pela ideia de que as transformações ocorridas nos padrões e práticas de consumo, cultura e lazer durante o século XX se qualificam como as únicas ocorridas desde o Renascimento (Dumazedier, 1974).

Logo, considerando que o lazer em massa conferiu aos indivíduos valor social como consumidores de entretenimento, é evidente a alteração no *status* de poder da classe média norte-americana (Bomeny, 2011). Diante dessa relação entre lazer e classe média, nosso estudo está alinhado com uma literatura que reconhece a subjetividade como critério essencial para a pesquisa no campo da estratificação. O lazer, nesse contexto, é

compreendido como parte dos aspectos subjetivos que funcionam como formas de identificação da classe média urbana brasileira.

## Lazer e identidade de classe

No início da dinâmica, os participantes foram indagados sobre a qual classe social pertenciam e que posição acreditavam ocupar na hierarquia social. Nas três capitais analisadas todos os participantes se reconheceram como pertencentes à classe média, ainda que com algumas variações a respeito da estabilidade dessa posição de classe. Particularmente em Recife, registramos certa hesitação por parte dos entrevistados em se situar no estrato médio da sociedade – “classe média baixa”, “classe média emergente”, “classe média em ascensão”, foram alguns dos termos utilizados para definir uma posição que resulta do reconhecimento de certos privilégios, mas que ainda assim se defronta com muitos desafios diante do cenário econômico desfavorável desde a crise de 2014 e que foi acentuado durante a pandemia. É relevante destacar que em todos os grupos focais prevaleceu a percepção de que o alto custo de manutenção de um padrão de vida que inclui o pagamento por saúde e educação privadas, têm exigido da classe média manobras de contenção de gastos.

Nesta seção, vamos trazer partes das falas dos participantes, usando as legendas RJ para Rio de Janeiro, SP para São Paulo e PE para Pernambuco/Recife.

Fato é que os entrevistados apontaram uma série de fatores que constituem o perfil da classe média, como níveis de renda e educação, plano de saúde privado, local de moradia em áreas mais afluentes da metrópole, entre outros. E entre esses fatores destacaram o lazer, a cultura e a busca por satisfações individuais como quesitos fundamentais na construção dessa identidade e noção de pertencimento.

[...] acho que classe média [...] a gente tem a questão dos privilégios, eu acho que também a questão da cultura, né? [...] Eu normalmente planejo viajar, eu gosto muito de viajar na verdade, e eu consigo lograr nesse sentido. Viver bem, ter uma vida confortável e sustentar os meus pequenos gostos né, e prazeres. (Augusto, 51 - RJ)

Também me considero classe média [...] também sou uma pessoa que gosto muito de viajar [...] consigo fazer as coisas que eu considero prazerosas para mim, para a minha vida. (Fátima, 40 - RJ)

É, a classe média é os filhos numa escola particular, você ter um bom plano de saúde [...] a, a sua renda te banca, né? Te banca no sentido de você ter tudo isso e ainda conseguir ter um lazer. Beleza. Isso é classe média. (Luísa, 48 - RJ)

Eu acho que eu me considero uma classe média, porque antigamente a gente não tinha esse, esse prazer de você trabalhar e viajar um final de semana, alugar uma casa de praia, entendeu? (Sandra, 42 - PE)

[...] os hábitos de uma cultura de classe média, vai, de repente, é [...] nem todos gostam, mas de repente [...] ir ao teatro, pode ir num shopping comprar alguma coisa, conhecer a gastronomia [...] eu acho que seja essa cultura, são hábitos de teatro, cinema, leitura. (Helena, 41 - SP)

Apesar das semelhanças nos apontamentos com relação aos componentes indispensáveis que formam o perfil de alguém pertencente à classe média, algumas diferenças relacionadas à valorização de aspectos específicos de cada região chamaram a atenção. No Rio de Janeiro, em geral ficou muito claro o investimento e o reconhecimento do valor da educação, tanto como forma de ascensão de classe quanto como instrumento de garantia de estabilidade. Já em São Paulo, o que se observou foi um apelo nítido do emprego como principal responsável pela garantia do bem-estar social, até mais do que a própria educação. Por último, em Recife, observa-se a priorização da saúde privada, frente a uma maior sensação de insegurança. A partir das falas de alguns pernambucanos como, por exemplo, da mudança da escola do filho de um colégio particular para um público, justificou-se essa alteração como uma forma de manutenção do plano privado de saúde.

Para além de todas essas especificidades pontuadas, de maneira geral, o que ficou evidente através das respostas é que a classe média, entre outros fatores, se caracteriza, nas palavras de um dos entrevistados, “pela capacidade de suprir e equilibrar as necessidades básicas e as supérfluas” de maneira que sua posição socioeconômica seja capaz de proporcionar a garantia de acesso a elementos essenciais como moradia, educação, saúde e alimentação, além de oportunidades de diversão e usufruto do seu trabalho sem que sua estabilidade financeira seja comprometida.

Eu acho que também é ter a oportunidade de fazer tudo isso sem se privar de outras coisas. (Carlos, 48 - RJ).

Com o desenvolvimento dessa questão sobre identidade de classe, os participantes também expuseram seu olhar sobre “o outro”, respondendo sobre quais elementos permitem a identificação de outras pessoas como membros da classe média. Mais uma vez, o lazer assume proeminência no debate.

[...] você olhar pra uma pessoa “ah, ela é classe média”, eu penso agora nos supérfluos. O que é? A gente jantar num bom restaurante, tomar um bom vinho, é [...] viajar. (Cíntia, 44 - RJ).

Sendo assim, o reconhecimento do lazer como uma esfera da vida social, através da qual os indivíduos reconhecem a si mesmos como diferentes de uns e similares em relação a outros, aponta para o lazer como forma de ser e estar para o outro, capaz de produzir conexões simbólicas e valores coletivos que geram dinâmicas de aproximações e distanciamentos (Simmel, 2006, p. 59-61). O lazer, portanto, constitui o que George Simmel denominou como conteúdo e matéria da sociação. Estabelecendo, portanto, essa esfera da vida, como um campo de disputa e interpretações no qual sujeitos são endossados ou negados em suas “reivindicações de pertencimento”, em um movimento característico das disputas de formações de classe (Salata, 2015, p. 113-14).

## Viagem como símbolo de distinção

Uma vez que o lazer aparece como um fator relevante, a conversa a respeito desse elemento da vida social se desenvolve. Nesse sentido, os entrevistados foram questionados sobre quais eram as atividades por eles consideradas como lazer e o que eles costumavam fazer no seu tempo livre.

Eu acho que uma ida ao teatro acho que é bem da classe média. (Leila, 40 - RJ)

Você poder ir a um bom restaurante. Fazer viagens nacionais e internacionais. (Ana, 40 - RJ)

Sair com os amigos, levar a filha pra passear. (Jorge, 59 - SP)

Praia, cinema, restaurante. (Carlos, 42 - PE)

Jantar fora. (Felipe, 47 - PE)

Nesse contexto, o lazer é definido como um momento de fuga e descanso, fortemente relacionado a uma “noção de bem viver”. Um processo que Dumazedier (1979) concebeu como a conscientização de uma vivência desvinculada da restrição à ordinariedade que legitima o anseio por uma vida plena.

[...] a gente precisa de um momento, uma válvula de escape né, fazer uma viagem, você precisa relaxar, você precisa, não pode viver o tempo todo de trabalho, dinheiro. Porque, se não, a gente pira. O casamento não dura, a cabeça, a depressão tá aí, todo mundo tem né, todo mundo enlouquece, então... (Ana, 40 - RJ)

Eu gosto de pegar a minha esposa e ir pra praia, dar uma descansada, receber uns amigos em casa, né? Pra bater um [...] conversar um pouquinho. Nada mais além do que uma cervejinha. (Venâncio, 46 - SP)

[...] pra gente não perder esse prazer de sair daqui da rotina e já que não pode tá pagando essa viagem a gente alugou uma casa na praia que o custo é menor, se tornou menor porque dividiu entre a família, né [...] aí você paga menos né, e tem aquele lazer ali. (Augusto, 40 - PE)

Conforme se pode observar, o lazer aparece nas falas dos participantes atrelado ao exercício de diferentes atividades. Entretanto, as viagens aparecem como a prática de lazer mais característica da classe média, sendo, como veremos adiante, um meio pelo qual podemos compreender melhor sua heterogeneidade, suas formas de diferenciação em relação aos estratos mais baixos de renda, além de representarem sua conexão com a cultura e com a *performance* do *status* de classe ao longo do tempo.

Então, viagem é cultura, tá? Viagem é cultura, é [...] a gente não perde, isso é pro resto da vida, cê pode gastar muito, mas isso vai ficar marcado com você, né? (Margaret, 54 SP).

Ao buscarmos o motivo pelo qual as viagens são incorporadas como esse símbolo central de distinção, encontramos o princípio gerador dessa prática atrelado ao *habitus* (Bourdieu, 2007) dos indivíduos que compõem essa classe média. Isto que se justificaria pelo fato de o ato de viajar ser capaz de desempenhar uma condição de diferenciação, tanto em relação aos estratos mais baixos quanto entre os integrantes do próprio estrato.

Partindo dessa representação simbólica e cultural, é possível perceber o desenvolvimento da prática do lazer como uma necessidade de diferenciação e reconhecimento atrelada à ideia de investimento cultural e noções de superioridade, privilégios, poder e *status*. Nesse sentido, nota-se que a construção de práticas culturais visando diferenciação entre grupos tem como objetivo a rejeição e o distanciamento das práticas mais amplamente difundidas ou acessadas no dia a dia.

No caso dos participantes dos grupos focais, tendo em vista a ênfase das falas nas possibilidades de escolhas, fica evidente a busca por fuga das necessidades básicas cotidianas através das atividades de lazer. Uma vez que essa prática se caracterizaria como um fator para além dos elementos indispensáveis à manutenção da sobrevivência.

Então, mas como é, não só pela pandemia, mas de uns anos pra cá, as coisas foram decrescendo, eu me considero uma privilegiada por ainda fazer algumas escolhas, poder estar nesse nessa condição de escolher. E não só de sobrevivência, né, como muitos. (Carolina, 40 - RJ)

Quando dá sim, sim, cultural é ótimo, gastronômico [...] eu acho que viagem você também vê outro ângulo, né? O mundo, as pessoas. (Diana, 54 - SP)

Mesmo orientados pelas práticas de lazer como critérios de pertencimento à classe média, é importante destacar que diante de uma conjuntura econômica de crise, como apontada pelos participantes, o lazer e, mais especificamente, as viagens cedem prioridade a elementos considerados essenciais, tais como a saúde e a educação.

Ainda em referência às perdas de padrão de consumo, quando perguntados sobre o que definiria o pertencimento à classe média, os participantes se referem às viagens e outras atividades de lazer como “luxo”, “privilégio” e “escolha”.

É a minha escolha dar essa educação pra ele, a gente poderia colocá-lo numa escola com a mensalidade mais barata, e viajar muito mais e viajar, fazer viagens internacionais, poderia, mas a minha escolha é investir na educação do meu filho. (Claudia, 46 - RJ)

Eu acho que você deveria ter o poder de escolha né. Hoje eu quero fazer isso, eu vou querer, quero [Ricardo: Isso!] viajar no final do ano com a minha família [Ricardo: Isso é classe média, isso é classe média] Eu quero ir ao cinema, eu quero fazer isso, você ter poder de escolha. Eu acho que é classe média. (Dina, 40 - RJ)

[...] procurar cortar a coisa do luxo. Pagar o que tem que pagar. Não sair daquele orçamento. Você quer viajar? Vamo pensar daqui uns meses. Aí vamo fazer isso, vamo pensar primeiro, porque hoje tá muito complicado... É, tudo tem que tá bem contadinho. (Renata, 40 - SP)

Antigamente eu podia viajar, agora não tanto. (Verônica, 44 - PE)

A discussão entre os participantes alcançou questionamentos sobre de que maneira a classe média ainda seria capaz de se diferenciar de estratos sociais mais baixos frente aos avanços que as classes populares obtiveram nos últimos anos, como a expansão do acesso ao crédito e a ampliação do seu poder de consumo, por exemplo.

Dessa maneira, na perspectiva dos participantes, predomina a ideia de que antigamente a classe média era mais facilmente identificável pelo consumo e pela posse de bens duráveis, o que em tempos atuais já não pode ser visto como exclusividade ou fator principal de identificação. Hoje, para eles, os limites que os separam de grupos mais vulneráveis se tornaram mais tênues e o que ainda remanesce como um elemento distintivo seria o lazer, intrinsecamente ligado a uma ideia de cultura e valorização da personalidade, uma experiência que agrega valor ao homem no meio social.

[...] hoje o consumo é tão variado, hoje o acesso aos bens, à tecnologia, fez com que os produtos se tornassem mais baratos. Então o quê que torna hoje a classe média [...] quê que torna o conceito da classe média? O que separa a gente do cara mais pobre que tem um Iphone? É as viagens. É as viagens, é a qualidade de vida. (Márcio, 57 - RJ)

Eu acho que na década de setenta, a gente via muito, essa separação era mais clara eu acho que por causa dos bens, né? Por exemplo, a casa que tinha um telefone em casa era raro [...] hoje em dia já acho que é o acesso à cultura, educação, porque hoje todo mundo tem um telefone, todo mundo que eu digo é a grande maioria, tem telefone, inclusive telefones bem... bem caros, o pobre consegue ter porque hoje tem uma linha de crédito que facilita essas questões. **Hoje eu vejo classe média como aquela pessoa que tem acesso a viagens, que tem acesso a bons restaurantes, que tem acesso à cultura, a pessoa que frequenta, de repente, museus, é outro tipo de classe média.** Antigamente, no meu ver tá? Eu acho que a gente via muito pela questão de quem tinha um carro, de quem tinha um telefone, de quem tem uma televisão colorida, eu acho que era mais pela questão do bem [...] hoje, basicamente, essas pessoas têm isso, têm esses bens, consegue [...] o pobre consegue ter

esses bens, mas não consegue pagar uma escola, não consegue ter um... um plano de saúde bacana, não consegue viajar. (Rejane, 49 - RJ)

Dessa maneira, percebe-se uma convergência entre os participantes em que a classe média se torna reconhecível pelo acesso e usufruto de experiências que denotam o afastamento de necessidades básicas, ultrapassando o campo da mera sobrevivência. Nesse caso, as práticas de lazer, intrinsecamente ligadas à ideia de cultura e valorização da personalidade, são compreendidas como experiências que agregam valor ao indivíduo.

## Classe média, classes médias

Além de reivindicar sua identidade e seu diferencial em relação às camadas populares, através das práticas de lazer e do teor cultural a elas atribuído, em determinado momento das dinâmicas, surge a percepção de que o lazer e sua ligação com a cultura também pode ser capaz de evidenciar heterogeneidades no interior da classe média.

Eu acho que essa questão cultural difere muito as classes. Por exemplo, você vai fazer uma viagem, a viagem da classe média é diferente da viagem de uma classe mais baixa, que eles vão pra Disney, a classe média mais alta que tem uma cultura, uma educação, uma formação maior, vai pra Europa. Entendeu? Então é mais ou menos assim, é diferente. É diferente. Eu tenho uma amiga, por exemplo, que ela veio de uma classe baixa, atingiu a [...] médica anestesista, ela e o marido ganham muito bem, ela vai todos os anos, duas vezes pra Disney porque ela ficou traumatizada quando ela era criança e nunca foi, entendeu? Então assim, você fica naquela [...] é diferente. Acho que a questão cultural diferencia muito. (Joanna, 47 - RJ)

Neste caso específico, a participante aponta para uma diferença de capital cultural entre pessoas que compartilham renda e *status* profissional semelhantes, mas que possuem *backgrounds* diferentes, e, por isso, tendem a fazer escolhas de lazer que podem ser mais ou menos valorizadas. Tais discrepâncias de prestígio reforçam o conteúdo moralmente carregado das identidades de classe, já abordado pela literatura, reafirmando que os processos de identificação e diferenciação produzem hierarquias (Salata, 2015).

Através da análise dos grupos focais foi possível apontar, nas dinâmicas desses grupos, duas formas de lazer. A primeira se refere ao lazer que tem como principal objetivo o descanso e a fuga da rotina.

Eu vou muito pra chácara, de quinze em quinze dias eu vou pra chácara. Gosto de ir pra lá pra dar uma relaxada. (Keyla, 50 - SP)

Eu gosto de ir pra praia, jogar bola e tomar minha gelada. (Naldo, 46 - PE)

Eu sou sazonal. Quando é São João, Caruaru. Quando é carnaval, é Olinda. Verão, é praia. Quando é inverno, Cravatá. Então, é sazonal. (Agenor, 51 - PE)

A segunda é relativa ao lazer cultural.

Eu [...] eu, você perguntou que tipo de viagem, eu faço muita viagem cultural, eu tenho um *hobby*, eu fotografo porta, e eu tenho uma grande inclinação pelas portas da América Latina, conheço muita coisa da América Latina, ano passado eu viajei três vezes para países latino-americanos. Nos últimos três anos eu fiz, só pro México, sete viagens. (Tomás, 51 - RJ)

Retomando a fala de Joanna, é possível reconhecer uma espécie de hierarquia entre os dois tipos de lazer, sendo o segundo o que é legitimamente representativas da classe média. Dessa forma, as viagens com propósitos culturais seriam consideradas mais características da classe média, porque refletem, em última instância, qualidades intelectuais e culturais de quem as pratica. Desse modo, tornam-se um meio de enriquecimento cultural e de prestígio.

Assim como em Elias (2000), aqui se observam processos nos quais indivíduos com condições materiais muito similares podem desenvolver dinâmicas de coesão e exclusão a partir de valores simbólicos. O capital cultural e as referências intelectuais, que se refletem no “bom gosto” pelas escolhas do tipo de turismo, são critérios determinantes para que se desenvolva uma hierarquia entre sujeitos de classe média, considerando seu refinamento ou sua suposta deficiência de assimilação cultural expressas, como afirma Bourdieu (2007), nos mais diversos âmbitos da vida cotidiana. Aqui se reconhece a separação entre acesso ao consumo e prática de consumo (Castañeda, 2010).

## Perspectiva geracional sobre o lazer

Nas dinâmicas de grupo, surgiu ainda a perspectiva de que houve uma transformação na relação das classes médias com o lazer, a posse de bens duráveis e a ideia de estabilidade. Em um olhar para o passado, avaliando a geração de seus pais, como já relatado neste texto, os entrevistados, de maneira geral, ressaltam a importância da posse de bens duráveis (casa, automóvel, telefone, entre outros) para a delimitação do pertencimento e do padrão de vida da classe média. Com isso, ao refletirem sobre suas experiências na infância e abordarem as condições de vida que tinham à época, é possível observar que, em muitos casos, a manutenção desse padrão de vida se dava às custas da supressão de momentos e atividades de lazer. A decisão de abdicar do lazer em alguma medida em detrimento da estabilidade, está clara no testemunho de um participante sobre seu pai.

Quando ele tinha 24 anos, ele fala que ele já tinha uma esposa, já tinha perdido dois filhos, ficou uma e tinha eu. Ou seja, ele já tinha um terreno particular e uma casa. Ou seja, ele já tinha essa responsabilidade, né [...] mas é... como eu vou dizer? Porém, eles não tinham vida social. (Fernando, 43 - SP)

Nesse sentido, o que se percebe, de maneira geral nas três capitais, é um aumento das possibilidades e dos padrões de atividades de lazer no cotidiano dos participantes em relação à geração de seus pais.

[...] Sou uma classe um pouco acima dos meus pais, mas claro né, estudando, lutando, correndo atrás porque eles não tiveram, meus pais não tiveram o mesmo acesso que eu tive, né? Então, hoje a gente tem mais facilidade também.

[...] Meus pais também não têm, não possuem é [...] graduação, né? É [...] nunca também fizeram uma [...] uma [...] viagem internacional né, assim, é o meu sonho poder levá-los, os dois, e poder arcar com esse custo, né? Com a família. (Angela, 40 - RJ)

Entre os entrevistados, há os que relatam que, como as viagens não eram viáveis em seu núcleo familiar, as possibilidades de lazer se resumiam a atividades como visitar parentes, conforme relatado na fala a seguir.

Na minha, o máximo quem visitava era parentes no domingo, ou vai pra casa de padrinho, madrinha. Mas todo final de semana, ‘vamo’ ver a madrinha, bora ver a madrinha da outra, da outra, da outra, da outra, vô, bisavô, tataravô. (Helena, 54 - SP)

E há também aqueles que mencionam momentos de viagem a lazer com suas famílias, mas em padrões mais simples do que hoje conseguem acessar.

[...] Os passeios eram de trem, não tinha nada de avião, nossa, quem viajava de avião era rico, era podre de rico. Então os passeios era pro Paraná, pra casa de parente, mas éramos todos. Hoje, não tem mais isso. As coisas estão muito fáceis, assim, eu digo você vê as coisas com muita facilidade. (Lúcia, 57 - SP)

Especificamente no Rio de Janeiro, esse maior acesso a possibilidades de lazer e viagens parece estar acompanhado de um processo de reavaliação da relevância dos bens duráveis, como símbolos clássicos da classe média. Segundo os entrevistados, a classe média hoje se caracterizaria muito mais pelo acesso do que pela posse de tais bens, de forma que elementos como casa própria e automóvel não representam, necessariamente, fatores de definição de pertencimento a esse estrato social.

Não, não necessariamente. Eu acho que era no passado né, mas hoje em dia, acho, ouço muitas pessoas falando que não querem comprar casa própria, que preferem morar de aluguel, e investir o dinheiro, ouço muitas pessoas falando isso. (Cristina, 46 - RJ)

Eu acho que o que define é o acesso, não é a posse, sempre foi o acesso. Então, por exemplo, na época dos nossos pais, né? O acesso se dava pela posse, então preciso ter um carro pra viajar. Se eu não tiver um carro, não tem outra opção, né? Então eu preciso ter a posse de alguns bens para eu poder ter o acesso. Hoje, basta você ter o acesso. Então, por exemplo, eu vim pra cá, eu peguei o metrô. (Anderson, 49 - RJ)

De todo modo, não se propõe afirmar que tais opiniões sejam representativas de todo um estrato, uma vez que, como afirmado anteriormente, a classe média não é homogênea. Em São Paulo, por exemplo, ainda se observa uma forte ligação com a ideia de estabilidade atrelada à posse de bens como casa própria e o pensamento de que seria necessário antes se estabelecer na vida, para que então fosse possível usufruir das condições que conquistaram.

[...] Antigamente a gente corria atrás de ter o nosso apartamento aí quando ele se aposentou agora, comprou uma bela de uma casa num condomínio muito legal. Eu morava num apartamento pequeno, agora eu moro numa casa muito legal, num condomínio muito legal. Mas assim, agora sim, agora nós podemos falar assim: vamos viajar. (Fátima, 59 - SP)

O meu neto tem vinte e um anos, todo dia eu e minha esposa fala: vai estudar. [...] Sabe o que que ele fala? Eu não, eu vou é curtir minha vida, depois eu estudo. Eu disse: não, é o contrário, primeiro estuda, se calça, se prepara pra depois curtir. (Carlos, 60 - SP)

Por outro lado, alguns entrevistados de São Paulo indicaram que a ideia de negligenciar, em alguma medida, o lazer em favor da estabilidade proveniente de bens como a casa própria, parece ter menos aderência entre os jovens, que, antes de tudo, têm prestigiado mais o lazer, dispensando os bens duráveis, em um comportamento mais similar aos participantes do Rio de Janeiro.

Eles são mais bem de vida [...] mas não tem o mesmo objetivo que a gente assim, primeira coisa que você pensava era um carro e uma casa, eles não, eles querem viajar. (Mônica, 50 - SP)

Agora eles não se preocupam muito com esses negócios de carro muito porque andam de Uber pra cima e pra baixo, o que gastam de dinheiro com isso. (Elizabeth, 54 - SP)

Portanto, a partir da perspectiva dos participantes, foi possível identificar indícios de um processo de valorização do lazer e das viagens enquanto experiências de vida entre os jovens, que apontam para mudanças na forma como a classe média tende a se distinguir de outras classes e reformular sua identidade. Conforme pode ser apreciado na fala a seguir, em que uma participante faz uma observação a respeito dos círculos sociais de suas filhas.

Mas hoje em dia é isso, eu vejo elas falando, é só é dinheiro, dinheiro, dinheiro, é isso muito o que importa, entendeu? O pessoal vê muito isso, o que conhece, o que não conhece, pra onde foi, pra onde não foi. [...] As experiências da vida, é. (Leila, 54 - SP)

No entanto, a relação entre os jovens e as viagens aparece, em São Paulo, atrelada à percepção dos participantes de uma maior prosperidade de seus filhos e de uma comparação entre sua geração e as gerações mais jovens. Mas

não ficou evidente da mesma forma nas outras capitais contempladas nesta pesquisa, sendo necessário, portanto, que este tópico seja investigado mais profundamente a partir da perspectiva dos próprios jovens.

Há de se ressaltar também que, mediante relatos de maiores dificuldades financeiras tanto na atualidade, quanto na geração dos pais, na capital de Pernambuco, as possibilidades de lazer ao longo das gerações não aparentam ter tido o mesmo grau de progresso relatado em São Paulo e Rio de Janeiro, dando indícios de um avanço nas atividades de lazer em menor proporção.

A minha filha tem acesso que eu nunca tive, eu fui comer comida japonesa quando era adulta, já trabalhava [...] McDonalds foi quando eu fui estudar na Boa Vista que minha mãe conseguiu uma bolsa de estudo de 60% na época, que era um colégio particular que existia [...] não tinha o supérfluo, não tinha pra restaurante, não fazia viagem pra fora, era viagem só pra minha vó no interior. (Valéria, 40 - PE)

[...] Eu tive uma viagem com 15 anos, coisa que eu já não posso fazer [...] viagens maiores, eu faço viagem curta [...] mas eu não consigo viajar pra outro estado, não consigo fazer isso. (Miriam, 40 - PE)

Todavia, sabendo que a construção das identidades de classe ocorre em um movimento contínuo e interminável de diferenciação (Salata, 2015, p. 114), é possível afirmar que tais processos podem vir a privilegiar diferentes áreas e aspectos de identificação em busca das relações de similaridade e diferença.

Desse modo, com a crescente valorização do lazer, principalmente, com o aumento das viagens dos participantes em relação à geração de seus pais, e os sinais de uma valorização ainda maior para as gerações mais jovens, é possível argumentar que esta identidade de classe segue se reformulando ao longo do tempo. Pois, se no passado esta identidade estava vinculada à posse de bens duráveis, que remetiam à ideia de conforto, estabilidade e sucesso (Salata, 2016), atualmente os processos de identificação de classe parecem se relacionar cada vez mais ao lazer e ao campo das experiências. Ainda assim, trabalhos como os de Salata (2015) e Salata e Scalon (2015) já apontavam para o lazer como elemento de identificação e distinção da classe média nas percepções dos indivíduos.

Com isto, as dinâmicas dos grupos focais permitem concluir que o lazer constitui um caminho pelo qual os indivíduos, para além da qualidade de vida, buscam identificação e distinção de classe, com base no *status* e

prestígio social, de forma que o mundo das experiências, cada vez mais, se consolida como uma demonstração de sucesso e superioridade.

## Quando o lazer não cabe no bolso?

De maneira geral, em relação aos participantes cariocas e paulistas, os pernambucanos parecem ter sofrido um maior impacto da crise econômica brasileira, o que realmente levaria aos cortes quase que totais das atividades de lazer. Enquanto entrevistados no RJ e SP relatam um certo remanejamento do lazer, em Recife parece haver uma impossibilidade de sua realização, ainda que os participantes das três cidades reconheçam a importância do exercício do mesmo como forma de pertencimento à classe média. É importante, também, registrar que a renda dos participantes recrutados em Recife era menor, o que tem reflexo sobre esse tema específico do lazer. Isto posto, é possível reconhecer a dificuldade de realização das atividades de lazer, tanto através da readequação dessas práticas, como pelo questionamento sobre a necessidade de se fazer um maior esforço para manter o lazer.

Tenho. Parei um bocado assim, alguns passeios, né. Agora eu passeio mais ali, mais perto. Quando tem. (Leila, 51 – PE)

Lá em casa meu marido [...] como ele [...] disse trabalha muito eu não deixo de fazer algumas coisas. A princípio houve alguns cortes é [...] plano saúde a gente pagava um mais caro, hoje pago um mais em conta, voltamos a internet cada um tem um pacote de telefone [...] tal, mas meu marido ele não abriu mão desse momento de família de sair, fazer refeição fora, isso a gente manteve [...] pelo menos uma vez por semana a gente sai e faz, uma coisa que ele não abriu mão, a única coisa que não abriu mão lá em casa. (Juliana, 40 – PE)

Agora, uma coisa que eu não, eu não corto, vamo supor, eu acho que é um luxo você ir pro Mc Donald's, vai comer um hambúrguer, vai comer uma pizza vai numa churrascaria. Isso é, é uma coisa que quase todo mundo tá, tá cortando hoje. Porque você vai na churrascaria e você fala "Po, com esse dinheiro aqui dava pra comprar uns 3 quilos de carne pra passar uma semana." (Fernando, 45 – PE)

Assim, embora em Recife os participantes exponham as dificuldades para manter e realizar atividades de lazer, no RJ e SP também houve esse

tipo de relato, ainda que em menor frequência. Dessa forma, na tentativa de amenizar o período de crise, os pernambucanos demonstram buscar formas de readequações das práticas de lazer, através da procura por programas mais baratos. Em São Paulo, é possível perceber a mesma tendência de comportamento quando alguns entrevistados expressam a preferência por atrações gratuitas.

Ah eu procuro lugares gratuitos, tenho o aplicativo e tudo. É, então, eu gosto de parque gratuito, tem teatro gratuito, tem vários lugares gratuitos...Teatro Municipal. (Jéssica, 45 - SP)

Viagem a gente fazia anualmente, pra viajar de avião já reduziu uma viagem mais próxima de veículo [...] é [...] alugar um apartamento [...] não ia [...] ia pra hotel, não vai mais pra hotel, vai pra um flat que fica mais em conta. (Vanda, 40 - PE)

Do lazer mesmo. Que nem que ele falou de você fazer um lanche, né, que tá um absurdo também o valor. E fica a questão de você gastar X ali e tá faltando em casa, né. Diminuiu muito, muito mermo. (Glaucia, 51 - PE)

Através das falas registradas, sobretudo pelos participantes de Recife, torna-se explícita a tentativa de correspondência às expectativas de um padrão idealizado de classe, que tem encontrado muitos desafios a serem alcançados. Uma vez que é denunciada constantemente essa perda de padrão de vida, resultante da crise econômica, é notória a percepção de maior influência de identificação como classe média oriunda da renda (Salata, 2015). Nesse sentido, é compreensível o motivo pelo qual os bens materiais e o lugar de residência são ainda vistos como marcadores de distinção de classe em Recife, ao contrário do que é apresentado pelos entrevistados cariocas.

Ademais, os participantes apontam que o pertencimento à classe média é incompatível com a necessidade de se fazer um grande esforço para usufruir de viagens, em particular, ou de lazer, em geral. Isso demonstra a importância do rendimento – compatível com o grupo de renda AB – para se perceber como integrante da classe média (Salata, 2015).

Beleza. Mano do céu, velho. Desculpa a palavra. Custando para conseguir uma viagem tá se achando classe média? Pra mim classe média é aquele cara que: “Eu estou a fim de viajar, vou pra Amsterdam. Tchau!” (Leandro, 42 – PE)

O que também é muito reclamado pelos recifenses, porém recorrendo a outros exemplos de atividades de lazer.

É justamente uma pessoa que consegue ter uma qualidade de vida que não seja... ela é [...] Uma qualidade extremamente regrada, regrada ao extremo, ela pode ser considerada uma classe média. Porque uma pessoa que tem uma, uma qualidade de vida regrada ao extremo, que não pode sequer sair na rua pra comer um cachorro-quente...Ele não é classe média. (Lúcio, 42 - PE)

É o sonho de todos aqui chegar num restaurante e só olhar pro lado esquerdo do cardápio. A vontade de comer não a vontade de pagar. Você olhar pro lado esquerdo e falar tô com vontade de comer aqui ó. Não. Tem esse lado aqui sempre o lado que tá o preço. Você não se preocupa com o preço. (Fernando, 45-PE)

Portanto, fica evidente que através da possibilidade de realização das diversas práticas de lazer, os indivíduos também se questionam sobre suas vulnerabilidades. No caso, sobre o quão favoráveis ou desfavoráveis estão suas condições no momento e como isso pode constituir um critério importante de medida de percepção do seu sucesso.

Eu acho que classe média hoje é pessoas que vivem, e não que sobrevivem. (Gabriel, 44 - PE)

## Considerações finais

As dinâmicas dos grupos focais nas três capitais trouxeram à luz questões relevantes para a compreensão da associação entre estratificação e lazer. Assim como a classe média tem muito a dizer sobre o lazer, a esfera do lazer também diz muito sobre a classe média. No movimento contínuo de estabelecer os critérios que definem quem é classe média no Brasil, nosso trabalho reafirma o campo do lazer, e, mais especificamente as viagens, como uma ferramenta indispensável para compreender a construção de uma identidade de classe média que se expressa no passado, no presente e no futuro.

Em nossas análises, foi possível constatar que o lazer – ou a ausência dele – expõe vulnerabilidades, ao passo que está diretamente relacionado

com a capacidade dos indivíduos de expandirem suas vivências, para além da sobrevivência.

Ao mesmo tempo, o lazer nos revela lógicas pelas quais os indivíduos estabelecem dinâmicas de representação e afirmação de pertencimento de classe, vinculando-se ou se afastando uns dos outros. Mostra também que capital cultural é um elemento relevante para analisar as heterogeneidades deste grupo social, que aqui designamos classe média urbana, e que a valorização do lazer está associada com a percepção de poder dos indivíduos.

As representações sobre lazer que emergem dos grupos focais revelam, ainda, a constante busca da classe média em desempenhar seu *status* idealizado que, por muitas das vezes, se vê confrontado pelas limitações econômicas da realidade.

Em suma, a esfera do lazer prova-se um campo relevante e complexo para os estudos de estratificação, na medida em que incorpora questões subjetivas e objetivas, que se mostraram fundamentais para a construção da identidade de classe, especificamente da classe média urbana. Por esse motivo, merece maior atenção dos pesquisadores desta área de conhecimento.

## Referências

- Aguiar, Neuma. (2007). *Desigualdades sociais, redes de sociabilidade e participação política*. Editora UFMG.
- Almeida, Cassia. (5 jan. 2025). Brasil volta a ser um país de classe média. *O Globo*.
- Bourdieu, Pierre. (2007). *A distinção: Crítica social do julgamento*. Zouk.
- Bomeny, Helena. (2011). “Do frango ao avião ou o que é possível dizer sobre a nova classe média brasileira?” Notas exploratórias. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – FGV.
- Cardoso, Adalberto, & Préteceille, Edmond. (2017). Classes médias no Brasil: do que se trata? Qual seu tamanho? Como vem mudando? *Dados*, 60(4), 915-949. <https://doi.org/10.1590/001152582017140>
- Castañeda, Marcelo (2010). Teorias das práticas na análise do consumo. *Revista Ciências Sociais Unisinos*, 46 (3), 248-255. <https://doi.org/10.4013/581>
- Dumazedier, Joffre. (1974). *Sociologia empírica do lazer*. Editora Perspectiva.
- Ehrenreich, Barbara, & Ehrenreich, John. (1977). The professional-managerial class. In: P. Walker (ed.). *Between labour and capital*, (pp. 5-48).
- Elias, Norbert & Scotson, John (2000). *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Jorge Zahar Editor.
- Gouldner, Alvin W. (1979). *The future of intellectuals and the rise of the New Class*. Seabury Press.
- Goldthorpe, John H. (2000). *On Sociology: Numbers, narratives and the integration of research and theory*. Oxford University Press.
- Mills, Charles W. (1951). *White Collar*. Oxford University Press.
- Neri, Marcelo C. (2008). *A Nova Classe Média*. Editora FGV.
- Oliveira, F. L. (2010). Movilidad social y económica en Brasil: una nueva clase media? In: R. Franco, M. Hopenhayn, & A. León. (orgs.). *Las clases medias en América Latina*:
- Reay, Diane. (2005). Beyond consciousness? The psychic landscape of social class. *Sociology*, 39(5), 911-928.
- Salata, André Ricardo. (2016). *A classe média brasileira: posição social e identidade de classe*. Letra Capital.

- Salata, André Ricardo. (2015). Quem é classe média no Brasil. Um estudo sobre identidades de classe. *Dados*, 58(1), 111-149. <https://doi.org/10.1590/00115258201540>
- Salata, André Ricardo, & Scalon, Celi. (2020). Socioeconomic mobility, expectations and attitudes towards inequality in Brazil. *Sociologia e Antropologia*, 10(2), 647-676. <https://doi.org/10.1590/2238-38752020v10213>
- Salata, André Ricardo, & Scalon, Celi. (2015). Do meio à classe média: como a “nova classe média” e a “classe média tradicional” percebem sua posição social? *Ciências Sociais Unisinos*, 51(3), 375-386. <https://doi.org/10.4013/csu.2015.51.3.14>
- Sayer, Andrew. (2005). Class, moral worth and recognition. *Sociology*, 39(5), 947-963.
- Savage, Mike, Bagnall, Gaynor, & Longhurst, Brian. (2001). Ordinary, ambivalent and defensive: class identities in the Northwest of England. *Sociology*, 35(4), 875-892.
- Scalon, Celi, & Salata, André Ricardo. (2012). Uma nova classe média no Brasil da última década?: o debate a partir da perspectiva sociológica. *Sociedade e Estado*, 27(2), 387-407. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922012000200009>
- Sen, Amartya. (2011). *A ideia de justiça*. Companhia das Letras.
- Sen, Amartya. (2001). *Inequality reexamined*. Oxford University Press.
- Skeggs, Beverley. (1997). *Formations of class and gender*. Sage.
- Simmel, Georg. (2006). *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Zahar.
- Souza, Amaury de, & Lamounier, Bolívar. (2010). *A classe média brasileira: ambições, valores e projetos de sociedade*. Elsevier.
- Torres, H. (23 fev. 2004). Quem é classe média no Brasil. *Gazeta Mercantil*, Opinião, 23/2/2004.
- Wright, Erik Olin. (1985). *Classes*. Verso.

Recebido: 7 ago. 2024

Aceito: 21 nov. 2024.



Licenciado sob uma [Licença Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)